

CULTURA E TRABALHO: ESTUDO DE CASO DOS OPERÁRIOS DA FÁBRICA DE CHARUTOS SUERDIECK – CRUZ DAS ALMAS, 1935-1970

Selma Reis Magalhães
Professor da Educação Básica
E-mail: reisselma@yahoo.com.br

Palavras-chave: Cultura. Trabalho. Charutos. Operários.

Introdução

O interesse pelo tema começou a partir de uma conversa informal com uma das operárias da fábrica, D. Carmem Magalhães,¹ que trabalhou na Fábrica de Charutos SUERDIECK, em Cruz das Almas no período de 1947 a 1970. Na simplicidade de se expressar narra sua história de vida - o aprendizado na fabricação de charutos e como entrou para a fábrica; o relacionamento com os colegas, mestres e gerente e proprietários da fábrica; as amizades e rivalidades que eram construídas no ambiente fabril; os relacionamentos amorosos, o que lhe rendeu o nascimento de onze filhos.

A partir do aporte teórico da história social, metodologicamente a pesquisa se apóia em entrevistas semi-estruturadas, com oito charuteiras. A história oral constitui-se num importante instrumento de trabalho, por meios dos quais os relatos de vida, deram vozes aos sujeitos até então esquecidos.

Em nosso entender, a história oral, como todas as metodologias, apenas estabelece e ordenam procedimentos de trabalho – tais como os diversos tipos de entrevistas e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho – funcionando como ponte entre teoria e prática (AMADO; FERREIRA; 2001, p. 31).

Para a análise da pesquisa também foram usados documentos, como fichas de registros de empregados, balancetes, relatórios, livros de memórias, fotografias. Tais investimentos tinham como objetivo penetrar no universo dos trabalhadores da área fumageira, em sua

¹Magalhães, Carmem. 80 anos. Cruz das Almas, 25 set. 2004. Entrevista concedida a Selma Reis Magalhães.

maioria mulheres, na tentativa de recuperar suas experiências e pontos de vistas que normalmente permaneceram invisíveis na historiografia brasileira.

A Arte de Fazer Charutos

A instalação das primeiras fábricas de charuto finos na Bahia data do final do século XIX, coincidindo com o mesmo processo de expansão industrial tabaqueira que ocorreu em cuba, em condições semelhantes no que se refere ao comércio e à utilização de mão-de-obra. Todavia, foi no começo do século XX que houve o aumento mundial do consumo do fumo, o que elevou o grau de importância da fabricação de charutos, principalmente pelas facilidades do mercado interno, a existência de uma considerável quantidade de matéria-prima de boa qualidade e uma abundante mão-de-obra abundante que vinha dos fabricos - unidades domiciliares ou nos interiores dos armazéns para preparar charutos para consumo local, ou para experimento do fumo e preenchia as perspectivas para cumprir as metas de produção do mercado consumidor. Tudo isso colaborou para transformar a manufatura do fumo do Recôncavo Baiano em uma das mais significativas atividades econômicas, chegando a produzirmais de 200 milhões de charutos, propiciando grandes incrementos à indústria e comércio do fumo baiano.²

Os fabricos representavam uma alternativa de trabalho para aqueles que não tiveram acesso à fábrica e uma oportunidade de ingresso à mesma para a população da região. Meninas de 9 a 15 anos sentavam com as senhoras para aprender a fazer charutos. Nesse ambiente aprendiam a pegar a veia do fumo, destalar e separar as folhas das capas e dos capotes e trabalhar com o miolo, ou seja, enchimento do charuto. Era uma escola profissionalizante que daria àquelas meninas, no futuro, não só a condição melhorar economicamente e ajudar aumentar a renda da família, como status social e talvez um bom casamento.

Ser charuteira era uma função específica da arte feminina e uma das mais importantes funções dentro da fábrica; aquela que convergia às atenções dos demais setores; uma profissão totalmente artesanal e manufatureira que requeria total habilidade e concentração. Os charutos feitos à máquina através da mão-de-obra masculina surgem a partir de 1941, como uma tentativa de mecanização do setor, todavia, não conferia ao produto a mesma qualidade daquele feito de forma artesanal pelas mulheres. Na dinâmica da produção,

² BORBA, Silza Fraga Costa. *Industrialização e exportação do fumo na Bahia, 1870-1930*. 1975. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1975.

os homens eram meros ajudantes, trabalhavam na máquina fazendo enchimento e capote, passando o acabamento final para as charuteiras, ou seja, o trabalho das capas e do bojo. A partir das qualificações constrói as bases da divisão social do trabalho, como nas demais produções fabris as mulheres são a força motriz da fábrica e os demais departamentos executavam suas tarefas vinculadas aos setores delas.³

O Cotidiano da Suerdieck de Cruz das Almas

Em Cruz das Almas, como nas demais cidades, a Suerdieck abria suas portas às 07h30min, com uma tolerância para os funcionários de cinco minutos, logo após as portas eram fechadas pelos “macacos” - seguranças que marcavam a entrada dos funcionários. Só reabrindo após trinta minutos, quando os trabalhadores atrasados poderiam entrar, tendo o tempo de atraso descontando dos seus salários. A rotina da fábrica pela manhã se estendia até às 12 horas, quando os operários saíam para o almoço, retornando às 13:00 horas para uma nova etapa da produção até às 17h30min, com uma produção diária de 250 a 300 charutos por charuteira.

A organização do trabalho, segundo as entrevistas, era rigidamente estabelecida pelos mestres dentro da fábrica, que distribuía o material, controlavam e conferiam à produção diária, descontavam as horas não trabalhadas e os charutos mal confeccionados e controlavam pesos e diâmetros dos charutos. Entretanto, a rigidez não era vista com maus olhos pelas entrevistadas, pelo contrário, nos depoimentos ela traduziam como ponto positivo, pois as incentivavam a trabalhar com mais perfeição, fazer bem os bicos, dando-lhes oportunidades para entrar no mundo seletivo das melhores charuteiras, como é o caso de D. Luiza Carvalho, por exemplo, que ao ser entrevistada deixava transparecer a sua vaidade e orgulho de só fabricar charutos de bojo fino, capazes de agradar as elites nacionais, como o presidente Getúlio Vargas, até as representações internacionais.

A produção dos charutos era direcionada para públicos específicos, obedecendo ao critério das marcas, que por sua vez representavam as classes sociais as quais se destinavam. Fazer charutos nobres, destinados aos gostos mais refinados, rendia para cada operária uma produção em média de 80 a 100 charutos. Todo processo requeria extrema habilidade tátil e muito treinamento[...].⁴

³ SILVA, Elizabete Rodrigues. *Fazer Charutos: uma atividade feminina*. 2001. 211 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

⁴ CARVALHO, Luiza. Cruz das Almas, 25 jan. 2005. Entrevista concedida a Selma Reis Magalhães.

A fábrica, silenciosamente se organizava solidificando as bases da divisão social do trabalho. Apesar das mulheres formarem a maior parte do quadro de funcionários, as etapas de produção dos charutos eram concluídas de forma a única por cada charuteira, o que dava a cada uma delas o status e construía entre elas as relações de poder na produção. Isto implica compreender o espaço da fábrica como algo socialmente produzido, mas que expressa às contradições do modo de produção capitalista ou as contradições do espaço-mercadoria.

Para as entrevistadas, o mundo da fábrica também lhes dava sentido de cidadania e de pertencimento ao mundo do trabalho, sobretudo porque pairava entre eles a idéia de trabalhador assalariado. A “ajuda recíproca” sempre citada nas entrevistas não as deixa perceber a fábrica como local de exploração, mas de crescimento e sobrevivência. No entender de cada uma, os operários participavam ativamente da vida da fábrica com a produção e esta reconhecia através do pagamento salarial, no dia certo e com as extras, mesmo não sendo registrado para fins de aposentadoria. No discurso das charuteiras, a SUERDIECK foi um benefício para a população local, gerou empregos na região, melhorou as condições de vida da população e trouxe rendas para o país, por isso, trabalhavam com esmero e reconheciam os proprietários como protetores das famílias cruzalenses.

O ingresso na fábrica não tinha tantos impropérios, como contou D. Carmem Magalhães bastava, apenas, chegar à portaria e pedir um emprego, dizendo função que podia fazer.

O porteiro (macaco) encaminhava o pedido para administração e agente ficava aguardando do lado de fora. Se naquele momento, a fábrica estivesse precisando daquela mão-de-obra, a gente entrava e fazia o teste na frente dos mestres e fiscais. Se passasse ia para os trinta dias de experiência até ser fichado. Se naquele momento a fábrica não tinha vaga, deixava o nome e voltaria em outra oportunidade.⁵

Exceção para as charuteiras. Quando se tratava delas, o teste prático abrangia todo o processo de fabricação de charutos, desde as bancas de capas até o anelamento. Sob a inspeção e a aprovação dos fiscais e mestres ao serem aprovadas ficavam um período de experiência de três meses, e de acordo com a habilidade, assumia o número de uma bitola a qual daria nome ao charuto. D. Carmem (2004, Entrevista), por exemplo, no primeiro teste não foi aprovada e voltou para o fabrico para se especializar melhor. Pela segunda vez, ao

⁵ MAGALHÃES, Carmem. 80 anos. Cruz das Almas, 25 set. 2004. Entrevista concedida a Selma Reis Magalhães.

voltar fez novo teste, conseguiu ser admitida, passou pela experiência e só saiu no período da aposentadoria.

Nas fichas de empregados examinadas durante a pesquisa pode-se perceber as desigualdades entre sexo e setores de produção. Diferente dos demais setores que percebia o salário mínimo da época, a remuneração paga as charuteiras se restringia a produção por tarefa. Se durante o dia conseguissem cumprir a meta estipulada, percebia um salário mínimo, mas, se produzisse acima da meta estabelecida percebiam o salário mínimo e o excedente da produção; se produzissem em escala menor, o pagamento seria pela produção. Algumas segundo as entrevistadas, como Eremita Santos (2005) e Carmem Magalhães (2004), ganhavam até dois ou três salários mínimos por mês pela habilidade e também por levarem tarefas para casa. Outras como Luiza Carvalho (2005, Entrevista) que fazia charutos de bojo fino e a produção era menor, tinha o mínimo como garantia pela ajuda das outras colegas de banca que completavam a sua produção.

Essa prática de levar serviço para casa era habitual entre eles e quando foram questionadas se era compensadorboa parte afirmava que sim, graças a determinadas vantagens, como levar a produção para casa após o experiente, onde conseguiam dois ou três salários mínimos por mês podiam alimentar e educar melhor os filhos e lutar para ter uma vida melhor, como adquirir uma casa própria.

A fábrica, silenciosamente também organizava as bases da hierarquia no trabalho. Ponto observado na fala deD. Luiza (2005),quando abordou os gerentes e mestres exigiam que os operários, principalmente as charuteiras, andassem arrumadas por serem a “alma” do negócio. Não requeriam delas roupas caras, apenas, um pouco de boa apresentação e aparência.Além disso, também mantinham uma hierarquia em relação às funções, tanto que ao término do expediente não permitiam que as aneladeiras e as encaixadeiras saíssem no mesmo horário que as charuteiras; assim como as charuteiras não saíssem juntas com as bancas de capas e estas no começo do expediente, chegassem primeiro que as charuteiras para arrumarem as tarefas do dia.

Exatamente na garantia dessa eficiência que se reúnem dois aspectos complementares e fundamentais no desempenho da empresa industrial capitalista: o controle sobre o processo técnico de produção e o controle sobre o processo de organização social do trabalho. O controle e coerção sobre as atividades e as condições de trabalho da mão de obra são

necessários à manutenção de uma dada ordem interna ao processo de trabalho e exigem a centralização do planejamento da administração fabril.⁶

Também pelas fichas de registro de empregados foi observado que a maioria dos operários apresentava idades entre 14 a 17 anos, eram mulheres pardas e negras, compostas, solteira, arrimo de família e mães; semi-alfabetizada ou analfabetas por apresentarem assinatura a rogo. As fichas não registravam nenhuma exigência criteriosa na seleção de seus funcionários em relação ao tipo físico, instrução, ou a experiência profissional comprovada. Segundo Silva (2001), os requisitos básicos da profissão estavam no saber fazer charutos e ter boas referências da qualidade de trabalho, mesmo tendo aprendido o ofício em casa ou dentro da própria fábrica.⁷ O caso de D. Maria Dorea (2005, Entrevista), por exemplo, aprendeu a fazer charutos aos nove anos, com a esposa do pai, porque achava lindo ser operária da SUERDIECK. Tanto que entrou na fábrica em 1944, apenas com treze anos. Lembra que foi o seu primeiro emprego, sem carteira assinada e assumia uma banca ao lado de uma operária maior de idade e registrada. As charuteiras adolescentes ficavam junto às charuteiras adultas ajudando e aprendendo, como é proibido por lei o trabalho infantil, na hora do pagamento elas também ficavam a mercê das suas “protetoras”.⁸

O mundo da fábrica é o reflexo da sobrevivência, da ascensão, das relações de amizade e compadrio, mas também rivalidades, de conflitos e contradições. Deixa a entender que apesar dos rígidos regimes e da apurada concentração nas tarefas, eram nas conversas que se estabeleciam os desabafos, as cumplicidades, as brigas, as paqueras e as conquistas.

Trabalhar na Suerdieck era muito bom, todos se consideravam, uns ajudavam aos outros. Acontecendo um problema entre os operários ou com algum operário, os gerentes não vinham reclamar, procuravam os mestres para saber o que estava acontecendo e solucionar o problema. As demissões eram raríssimas.⁹

A imagem positiva passada da fábrica implica nas necessidades cotidianas e a luta para sustentar suas famílias. Aquele espaço fabril era uma oportunidade dentro de uma precária conjuntura econômica e social local, além de favorecer a demanda pelo emprego, havia por parte do empresariado o barateamento da mão-de-obra.

⁶ PEREIRA, Vera Maria Candido. *O coração da fábrica: estudo de caso entre trabalhadores têxteis*. Rio de Janeiro: Campus, 1979. p. 142.

⁷ SILVA, Elizabete Rodrigues. *Fazer Charutos: uma atividade feminina*. 2001. 211 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Bahia, Salvador, 2001.

⁸ DOREA, Maria. Cruz das Almas, 02 fev. 2005. Entrevista concedida a Selma Reis Magalhães.

⁹ SOUZA, Julieta Lima de. Cruz das Almas, 25 set. 2004. Entrevista concedida a Selma Reis Magalhães.

Espaço de múltiplas relações sociais, a fábrica de charutos significava para muitas mulheres da região do Recôncavo uma alternativa de ascensão econômica e social em suas vidas. Estas mulheres fizeram-se charuteiras pelas condições materiais que a região lhes ofereceu naquele momento, pela própria precariedade econômica em que viviam.¹⁰

Marcadas pelas tensões entre as formas de poder e de controle – os meios de produção – e os elementos subjetivos do trabalho – a força de trabalho, a história desses operários circunscreve dentro de um contexto histórico específico a existências de elementos fundamentais que constituem espaços que entrevêm valores que estavam além da sobrevivência material, por exemplo, uns ajudavam aos outros. Formava-se entre eles um elo de reconhecimento e companheirismo na construção gradativa e sutil de cidadania. Por outro lado, esses valores apontavam para determinadas adversidades, como reflexo do lado oposto e conflitante das relações estabelecidas entre os operários. Se havia a tentativa de igualdade de produção, também havia proteção e perseguições. Determinadas charuteiras recebiam eram protegidas por parte dos mestres ou do fiscal de banca, principalmente, segundo relato, havia entre eles e elas uma relação de muita proximidade afetiva, algumas chegaram a constituir família ou concubinato. Outras eram perseguidas quando dispensavam tais afetividades, como foi o caso de Dona Luiza Carvalho (2005, Entrevista), viúva com 28 anos, que recusava qualquer aproximação amorosa, como consequência era, segundo seu depoimento, perseguida nas suas tarefas.

Às vezes, em sua produção eram encontrados erros inexistentes, os charutos eram danificados, até que ela cedesse às perseguições. Na entrevista, ela contou que isso era comum, mas ela não cedia, não seria igual às outras, queria apenas cumprir o seu tempo de trabalho.¹¹

Para outro grupo de charuteiras, como Dona Benedita de Souza (2004, Entrevista), a proximidade afetiva com os chefes de seção era um ponto positivo por se darem bem dentro e fora da fábrica, por isso via com bons olhos os galanteios, tanto que se dava bem com todos os mestres, gerentes e fiscais.

Queria ser feliz e me dar bem, tanto que sem saber ler escrever direito fui presidente do sindicato do fumo, me afastei das atividades de produção, conseguia com os patrões qualquer tipo de negociação que achasse ser boa para os operários e conseguia apaziguar qualquer situação.¹²

¹⁰SILVA, Elizabete Rodrigues. *Fazer Charutos: uma atividade feminina*. 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001. p. 68.

¹¹CARVALHO, Luiza. Cruz das Almas, 20 jan. 2005. Entrevista concedida a Selma Reis Magalhães.

¹²SOUZA, Benedita de. Cruz das Almas, 03 fev. 2005. Entrevista concedida a Selma Reis Magalhães.

A vida da fábrica ultrapassa as fronteiras do lado profissional a esfera privada. Simbolicamente a fala das charuteiras vem impregnada de expressões e representações desolidariedade, conflitos e cumplicidades. No primeiro instante não apresentam noções de poder, mas, expressam a lucidez da força trabalhadora que possuíam dentro da fábrica, principalmente quando queriam algo. Somente D. Benedita mencionou a presença do sindicato, mas as demais operárias evidenciaram o poder através da negociação direta, como no caso da construção da capela de São José e a greve do “senta-levanta” para angariar dinheiro para suprir suas necessidades pessoais nos momentos de crise da empresa. Em todas as entrevistas, ressaltam a fábrica como possibilidades profundas de transformações tanto na qualidade dos serviços, quanto em suas vidas.

Certa vez a Suerdieck passou por um momento de crise aguda e deixou de pagar aos funcionários durante sete meses, todavia nenhum funcionário deixou de trabalhar, inclusive mulheres que tinham dez, nove filhos e necessitavam daquele trabalho. O que era conseguido era repartido entre os trabalhadores. Tanto que alguns levantavam das mesas do fumo e pediam a gerência para sair e poder providenciar alguma coisa para que todos pudessem fazer sua feira do sábado.¹³

A luta pela sobrevivência não se movia apenas no campo econômico, mas no uso do prestígio social fazendo-os conduzir uma trajetória de vida dentro da fábrica a partir das relações que eram estabelecidas em outras instâncias sociais. Segundo relatos, “Cruz das Almas, naquela época, ninguém tinha um rádio, uma televisão; as notícias quando chegavam, já estavam ultrapassadas; a maioria era semi-alfabetizada”¹⁴, portanto, eram as relações freqüentes estabelecidas na feira, na igreja, na rua, com a população das zonas rurais, no interior dos fabricos e armazéns que facilitavam a solidariedade e a confiança nos momentos de crise.

Considerações Finais

É preciso reconhecer que o mundo do trabalho como produto histórico, articula-se a todo um processo social de produção de normas e instrumentos reguladores de ações coletivas e pessoais dos atores que dele participa. Apesar de domínios desiguais entre a força de produção e os meios de produção, das diferentes possibilidades e limites de ação sobre a

¹³ DOREA, Maria. Cruz das Almas, 02 fev. 2005. Entrevista concedida a Selma Reis Magalhães.

¹⁴ SANTOS, Eremita dos. Cruz das Almas, 25 jan. 2005. Entrevista concedida a Selma Reis Magalhães.

natureza sobre o espaço, a ação humana é mediadora das relações entre a vida profissional e a privada.

Para os operários da Fábrica de Charutos SUERDIECK, em Cruz das Almas, aquele espaço significava o esforço para efetivarem através do ganho, a melhoria de vida, como ter uma casa própria, conseguir fazer uma feira aos sábados, criar os seus filhos com dignidades (educação). Não podiam desvincular suas relações da sociedade a qual pertencia e o mundo da fábrica; compreendiam o significado da cultura local no estabelecimento do poder simbólico dentro do mundo fabril; além do status social que era ser funcionário da fábrica de charutos SUERDIECK na cidade. Para cada operário, o trabalho na fábrica fazia parte de sua própria vida. Era um meio de crescerem, de se sentirem produtivos através de uma construção benéfica. Mas quantas frustrações também ocorreram nesse saudoso ambiente de trabalho. As exigências estruturais das linhas de montagem, o autoritarismo e seus abusos, a disseminação do medo de represálias, da perda de benefícios ou mesmo do emprego, compelindo cada um a se sentirem subjugados, sem liberdade para falar o que pensavam e o que sentiam, mesmo quando se tratava de injustiças. Vindos de mundos diversos, um bom tempo levou para se identificarem. Afinal, mãos, olfato, boca, olhos tiveram que se acostumar a novos tocos, outros gostos e formas, até então, inusitadas. Assumindo sempre mais espaço no dia a dia, por força do prazer e do próprio trabalho, os charutos invadiram, sem cerimônia, a privacidade de cada operário que por lá passaram.

Referências

AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

AZEVEDO, Thales de. *Problemas metodológicos da sociologia do catolicismo. Cultura e situação racial no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

BORBA, Silza Fraga Costa. *Industrialização e exportação do fumo na Bahia, 1870-1930*. 1975. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1975.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz (português de Portugal) 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1998.

CARVALHO, Luiza. Cruz das Almas, 20 jan. 2005. Entrevista concedida a Selma Reis Magalhães.

CUNHA, Mário Pinto da. *História de Cruz das Almas*. [s.n.]. 1954.

- DOREA, Maria. Cruz das Almas, 02 fev. 2005. Entrevista concedida a Selma Reis Magalhães.
- MAGALHÃES, Carmem. 80 anos. Cruz das Almas, 25 set. 2004. Entrevista concedida a Selma Reis Magalhães.
- MENEZES, Albene Miriam Fereira. Os alemães: uma presença secular. *Revista da Bahia*, Salvador, n. 16, p. 33-39, 1990.
- PEREIRA, Vera Maria Candido. *O coração da fábrica: estudo de caso entre trabalhadores têxteis*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.
- PINTO, Luiz Aguiar Costa. Recôncavo Laboratório de uma experiência humana. In: BRANDÃO, Maria de Azevedo (Org.). Salvador: Academia Baiana de Letras; Casa Jorge Amado; UFBA, 1998.
- SANTOS, Eremita dos. Cruz das Almas, 25 jan. 2005. Entrevista concedida a Selma Reis Magalhães.
- SILVA, Elizabete Rodrigues. *Fazer Charutos: uma atividade feminina*. 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.
- SOUZA, Benedita de. Cruz das Almas, 03 fev. 2005. Entrevista concedida a Selma Reis Magalhães.
- SUERDICK, Geraldo. *SUERDICK: 1905 – 1955*. Salvador:Ed. Tipografia Manú, 1955.